

BABEL-CONTOS: LITERATURA ORAL E MUNDIALIZAÇÃO

O passado narrativo de Babel, as crenças que ele gerará, as lendas que ilustraram sua lembrança: tudo isto é para nós apenas virtualidades bastante confusas e cabe a nós (se tivermos vontade) esclarecê-las, atualizando-as.

Estas linhas de P. Zumthor (1997: 119) extraídas de sua última obra *Babel ou l'inachèvement*¹, juntas a uma atualidade política que reaviva

a imagem da cidade e o mito da torre, de Babel e Babilônia a Manhattan, formulam um convite a situar-me aqui na micro-história de uma renovação do conto, do qual participo desde os anos 80 [s. XX] e na perspectiva de uma antropologia aplicada ou pelo menos disso que se pode tentar definir como tal, entre teoria e prática. Formadora de professores, tornei-me pesquisadora em literatura oral, porque o conto se me apresenta como privilegiado instrumento de mediação em situação intercultural: apaixonei-me pela variação e seus usos didáticos. Era uma maneira, por meio da literatura e do procedimento comparativo, de entrar na antropologia.

Descobri assim a oralidade como um exercício de descentração ao mesmo tempo lúdico e exigente. “Contar não é ler, ler não é contar”, poderia enunciar algum contador provençal sobre o modo tradicional do “contra-dito”. Que se passa, exatamente, na relação de contar? Como analisá-la? Felizmente, existem na França pessoas que exercem hoje a profissão de narradores. Por ocasião de uma missão anterior, tive o prazer de apresentar aqui uma comunicação sobre esse fenômeno: *Quem conta na França de hoje? Os novos lances da palavra*. Dois anos se passaram. Gostaria, novamente, de examinar o estado da questão a respeito de uma prática social em perpétuo movimento, que inventa seus rituais, que compõe com as heranças, que se apóia num objeto cultural operatório: o conto entendido como o conjunto de narrativas que nos contamos para fins ao mesmo tempo de divertimento e de ensino. O conto é operador de circulação (entre as culturas, entre o pro-

NADINE DECOURT*

RESUMO

O artigo, tomando como referência as reflexões de Paul Zumthor, baseadas no mito da Torre de Babel, situa-se na micro-história de uma renovação do conto, da qual a autora participa desde os anos 80, e na perspectiva de uma antropologia aplicada. Tem como pressuposto a idéia de que o conto é operador de circulação entre as culturas; entre o profano e o sagrado, entre as gerações, as línguas, os sexos, sendo, portanto, expressão de mestiçagens. A autora parte das noções de terra e território para mostrar alguns traços significativos das transformações da tradição, verificando tensões e paradoxos políticos e culturais.

* Doutora em Literatura; pesquisadora do *Centre de Recherche d'Étude Anthropologique*, França.

fano e o sagrado, entre as gerações, as línguas, os sexos). Ele é operador de mestiçagens. Eu havia esboçado uma tipologia dos contadores. Duas categorias haviam sido destacadas mediante a experiência de Catherine Zarcate, ela própria narradora, assimilando-se à segunda categoria: aqueles que possuem uma terra, e “aqueles cuja raiz não é uma terra, mas uma idéia e cujo repertório bebe nas fontes do mundo inteiro representando o território dessa idéia”.

Eu havia acrescentado uma terceira categoria, a dos narradores-mediadores, em busca de uma relação artística imediata, na qual a mirada ética é tão importante quanto a dimensão artística. Partirei desta vez do terreno, das noções de terra, de território, para mostrar alguns traços significativos das transformações da tradição e questionar nossas práticas respectivas numa perspectiva comparatista. Isso nos permitirá, no percurso, apontar determinado número de tensões, de paradoxos que são portadores de lances políticos e culturais.

DAS DINÂMICAS URBANAS A UMA LÓGICA DE REDE

Em 1948, Roger Bastide já falava em *folclore urbano* no Brasil, com a abolição da escravatura e o êxodo em massa dos negros para as cidades. As migrações internacionais multiplicaram esses processos. Em setembro de 2000, uma manifestação organizada durante o Festival de Outono de Paris teve por título *Babel-Contos*. Tal manifestação, intensamente mediatizada, proporcionou um espetáculo de contos retransmitidos pelo canal de TV cultural franco-alemão “Arte” e a edição concomitante de um livro. Em todo caso, ela é emblemática de um desenvolvimento do conto no cenário internacional. O conto – de baixo custo, feita a contabilidade – propicia a experiência de um nomadismo sem fronteiras. O fenômeno não é novo. Paul Zumthor chegou a criar a expressão *nomadismo da voz* a propósito da literatura da Idade Média, insistindo sobre os

deslocamentos dos declamadores e cantores. É reduzido o repertório que não traga a marca de viagens, viagens dos europeus que partiram para a conquista de novos mundos (de Portugal ao Brasil, da França ao Quebec, por exemplo) ou à busca de mão-de-obra (os escravos trazidos da África do Norte para o Caribe, etc.). No Magreb, os homens tinham uma mobilidade que não era aquela das mulheres guardiãs do lar: foi graças a eles que os repertórios puderam se misturar e os contos das *Mil e Uma Noites* se implantar. A edição traz a marca dessa circulação dos repertórios. Citemos alguns títulos de coleções: Contos e Lendas de Todos os Países, Contos Daqui e D'alhures, Lendas dos Povos, Palavras de Sabedoria do Mundo Inteiro, Contos Nômades...

No início do século XX, Maurice Bouchor já queria abrir os ouvidos e os espíritos das crianças. Entre 1911 e 1929, ele editou uma coletânea de contos em três volumes: o primeiro *conforme a tradição francesa*, o segundo *conforme a tradição européia*, o terceiro *conforme a tradição oriental e africana*. No prefácio destinado aos pais, ele explica longamente suas escolhas, suas fontes, as liberdades de transcrição que tomou. No prefácio destinado às crianças, eis como ele desperta nelas o apetite pela leitura, ao mesmo tempo que lhes dá bela lição de antropologia:

Meus caros amigos, após os contos da França, após os contos da Europa, onde vocês ainda se sentiam em casa, eis os contos da Ásia e da África. Ao ouvi-los ou lê-los, vocês terão a impressão de fazer magníficas viagens por países distantes. Haverá histórias deslumbrantes para a imaginação, contos engenhosos que, ao mesmo tempo que divertem, farão vocês refletir, narrativas emocionantes, nobres, ternas, delicadas. Através de belas lendas, vocês poderão entrever as grandes civilizações da Ásia; contos de estranho encanto farão vocês conhecerem um pouco das tribos africanas; e por toda parte vocês encontrarão sob formas novas e atraentes, pensamentos, sentimentos que são os nossos. Assim, ao retornarem, vocês saberão melhor que, apesar das diferenças de rosto, o homem é sempre o homem, e que são por toda parte as mesmas coisas que fazem o preço e o encanto da vida.

O neocontágio, é verdade, acelerou o movimento: luta contra o desenraizamento e a solidão das cidades, o fenômeno surgiu como inteiramente urbano. O conto oral se aproveitou até dos lugares por excelência da cultura urbana que são as bibliotecas, os centros culturais, os equipamentos de bairro. Tratava-se de repor vínculo social, convivialidade, em particular nas chamadas zonas “sensíveis”, desfavorecidas. Pesquisa-

dores se interessaram por novos repertórios: *os rumores e lendas urbanas*, ao lado das contribuições específicas desta ou daquela população imigrada. Eu sublinharia aqui dois traços que me parecem cada vez mais perceptíveis na evolução destes dois últimos anos.

UMA DIVERSIFICAÇÃO INCREMENTADA DE PRÁTICAS E REPERTÓRIOS

Deixemos de lado o escrito e a leitura para examinar mais de perto aquilo que um habitante lionês pôde ouvir nos três últimos meses (setembro, outubro, novembro), após as férias de verão – a lista não é exaustiva:

- contos beduínos do Saara, sob uma tenda instalada em uma sala de espetáculo, no quadro das *Terceiras Descobertas Berberes* organizadas pela associação berbere AWAL sobre o tema do deserto;
- contos africanos (“peuls”), dentro de um ciclo de três sessões intitulado *Face da educação tradicional oral na África Ocidental*, à volta da figura de Amadou Hampaté Bâ,¹ num bar onde se dança: o Mosaico tropical;
- seis versões diferentes do conto João do Urso (das quais uma versão cigana, duas provençais, uma armênia), por ocasião de uma noite excepcional na sala de um teatro de bolso “L'étoile Royale”*, onde se apresentavam, habitualmente, os contadores da associação “Drôles de Zèbres”**;
- contos musicais para todas as idades e todos os gostos, em Corbas, na periferia sul de Lyon, no quadro de uma manifestação organizada em dois dias: *Le lâcher d'Oreilles* (denominação calcada sobre a expressão “lâcher de ballons”***, que designa um ritual de fim de ano em voga nas escolas e noutros lugares freqüentados pelas crianças);
- um *encontro intercultural do conto no 9º departamento administrativo de Lyon*, em homenagem a Mamadou Diallo, *narrador africano da região*, tal como está indicado no cartaz, falecido em 1996. Na origem da manifestação, uma contadora originária do Benin, Christine Adjahi. Havia também uma contadora de origem magrebina, um contador francês, um contador crioulo e um músico francês, todos amigos de Mamadou.

Os ouvintes não são, necessariamente, os mesmos e se dividem em função de seus interesses e dos espaços-tempos que são propostos. Os lioneses puderam escolher aqui entre uma área cultural específica (o Saara berbere, a África peul) ou, então, um encontro intercultural, num caso à volta da conjunção conto e música, no outro caso em torno da figura de um contador desaparecido. A dimensão regional está lá

explicitamente exposta e creio ser preciso dar ao termo *região* toda a importância que lhe atribui E. Glissant. O escritor martinicano (1996: 44) propõe com efeito restabelecer esta palavra em sua dignidade, no sentido de “ilha aberta” num mundo (Américas, Europa) que “se arquipeliza”. Como quer que seja, a prefeitura do 9º departamento de Lyon que assegura a operação quis abertamente evitar o exotismo, o gueto, num bairro em plena renovação com a plataforma da Duchère, erichada de grandes filas de imóveis, onde, rapidamente, nos anos 60, alojou-se bom número de imigrados e de franceses repatriados da Argélia. Do ponto de vista do espaço e do tempo, poder-se-ia opor *Le lâcher d’Oreilles*, na escala de uma comuna longínqua e ainda um tanto camponesa, no [espetáculo] diurno, com o que isso implica de participação das famílias, e os noturnos africanos em torno de A. Hampaté Bâ. O Mosaico Tropical é, de fato, um pequeno bar “moderno”, no pé das encostas da Croix-Rousse. Aí se reúne uma população de estudantes e intelectuais, abertos a todos os mosaicos de músicas, de danças, de coquetéis. O bar teve a casa cheia e as reuniões produziram debates, às vezes tensos, sobre o islamismo, o racismo, bela prova, se preciso fosse, da eterna atualidade dos contos. Em todos os casos, a diversidade da oferta põe o ouvinte numa situação de recepção polifônica que vem esclarecer, parece-me, a definição do multilingüismo assim formulada por E. Glissant em uma celebração do que ele chama de “caos-mundo” (1996: 40-41):

Falo e, sobretudo, escrevo na presença de todas as línguas do mundo. Mas, escrever em presença de todas as línguas do mundo não quer dizer conhecer todas as línguas do mundo. Isso quer dizer que no contexto atual das literaturas e da relação da poética com o caos-mundo, não posso mais escrever de maneira monolíngüe. (...) Chegamos a um momento da história em que se constata que o imaginário humano necessita de todas as línguas do mundo e que por via de consequência, no local incontornável de onde a obra literária é emitida, nas Antilhas, o imaginário do homem an-

tilhano necessita da língua crioula e da língua francesa. (...) Repito que o multilingüismo não supõe a coexistência das línguas nem o conhecimento de várias línguas, mas a presença das línguas do mundo na prática da sua própria língua. É a isto que chamo de multilingüismo. Daí a necessidade de distinguir entre a língua que se usa e a linguagem, isto é, a relação com as palavras, que construímos em matéria de literatura e de poesia. (...) Escutar o outro, os outros, é ampliar a dimensão espiritual de sua própria língua, isto é, colocá-la em relação.

Escutamos e narramos na presença de todas as línguas do mundo, poderíamos dizer ecoando. Esta situação, no Brasil, poderia parecer banal. Na França, ela subverte as representações ligadas a uma língua francesa conquistada laboriosamente contra os obscurantismos e os dialetos, o uso de uma língua sendo percebido como o próprio instrumento da democracia produzida pela Revolução Francesa e pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A herança ao mesmo tempo histórica e mítica desse francês nacional pesa enormemente nos debates sobre as políticas de integração e de educação para a cidadania. Estes últimos são hoje reativados pelos riscos de um multiculturalismo vivido como recuo sobre as comunidades e as “identidades mortíferas” que poderiam desenvolver-se, para retomar o título de uma obra polêmica do escritor franco-libanês Amin Maalouf (1998). Como quer que seja, onde quer que se esteja, é impossível escapar hoje à pluralidade das línguas e das culturas. Toda escolha do singular é escolha de um singular dentre outros possíveis culturais. A diversidade da oferta é multiplicada pela diversidade dos lugares e das manifestações onde o conto é posto como contribuição não somente para distrair, mas também para instruir. Assim, a palavra viva se introduz no saber museográfico e científico: no Planetário, a astronomia conjuga os imaginários do céu e das estrelas. Tomaria como outro exemplo o Museu de História Natural de Lyon que tem como desiderato tornar-se o *Museu das culturas do mundo* e deveria abrir suas portas para

o conto e os contadores. Esta oferta é substituída pela multiplicidade dos meios de memorização e de difusão: cassetes de áudio, de vídeo, CD-Rom, etc. Passamos, pois, de dinâmicas urbanas a uma lógica planetária que subverte as categorias estabelecidas entre os lugares e os gêneros de discurso que se lhes estavam ligados.

CIDADE E CAMPO: RUMO AO DESAPARECIMENTO DE UMA OPOSIÇÃO LENDÁRIA

Se investíssemos o tempo a ler todas as informações oferecidas pelas revistas e sítios especializados (*La grande oreille*, *La mandragore*) ou ainda, para permanecer na área de Lyon, pelo boletim trimestral: *Les Potins du conte**, editado pela associação “Drôles de Zèbres” já assinalada, ficaríamos espantados com a multiplicação das manifestações anunciadas nos recantos mais recuados da França. Não se trata mais apenas de festivais de verão para cidadãos de férias. Os subúrbios se estendem; mais e mais cidadãos decidem instalar-se no campo. O movimento é acentuado pelas modificações do trabalho, dos meios de transporte. Constroem-se salões de festas nas aldeias, novos espaços de convivialidade onde se pode representar, no mundo global, as invenções sociais e culturais do “local”.² Em outubro, um festival *Contadores no campo* reuniu 59 lugarejos por iniciativa da Federação dos lares rurais do Nord-Pas de Calais. Mais perto de Lyon, a associação A Floresta dos Contos em Vocance, com *Palavras no caminho*, mobilizou nos arredores de Annonay os vilarejos do vale. Em novembro, *Conteurs en chem’AIN* reuniu contadores e bibliotecários da Bresse e dos Dombes, um departamento, o Ain (observemos de passagem o jogo de palavras Ain/chemin), mais reputado por suas aves que por seus narradores. O contador Abbi Patrix, por sua vez, dirigiu uma formação de contadores amadores nos vilarejos da região parisiense. O grupo, uma vez preparado, foi narrar nos lugares mais insólitos (igreja abandonada, salas da prefeitura, pátio de escola, bar da esquina). A operação foi Chamada de *Conteurs*

des villes – conteurs des champs. Eis que isso pulveriza, não sem algum humor, a distinção tradicional veiculada pela célebre fábula de La Fontaine “Le rat des villes et le rat des champs”*. Por certo, seria mister refinar a hipótese e a análise. Trabalhos de sociólogos, de etnólogos devem ser estimulados neste setor, em campos precisos. Ninguém duvida, porém, que a difusão das novas tecnologias desempenha papel importante na transformação dos espaços da palavra pública. O conto, ainda aí, abre pistas e se presta maravilhosamente à comunicação. Além disso, os contadores têm tudo a ganhar: isto lhes permite se fazerem conhecer melhor, e gerir melhor sua carreira.

P. Zumthor (1987: 51) já utilizava a expressão *rede de tradições* e inventava o termo (espantosamente moderno) *intervocalidade*. É a formidável extensão dessa rede que gostaria de assinalar aqui, a estranha conjunção entre a magia dos contos e o maravilhoso tecnológico que confere a cada cidadão do mundo o dom de ubiqüidade, o dom de interação, de conversação (fórum, *chat*, etc). Até a euforia, até a vertigem, com a condição de ter acesso a isso.³ Do folclore ao *cyberlore*, para utilizar o neologismo de Brunhilde Biebuyck (*Cabiers de Littérature Orale*, 2000), o mais particular dos repertórios atinge os habitantes da aldeia planetária, a palavra circula e pertence a todo o mundo. Basta agarrá-la no vôo. Teríamos nós mudado de dimensão e subvertido a ordem das coisas?

DE ALGUNS PARADOXOS NO DESAFIO DA MUNDIALIZAÇÃO

A aceleração dos meios de comunicação, que afetam as práticas de contos, criam situações experimentais nas quais pode ser interessante observar o que advém dos paradoxos inerentes à literatura oral. Distinguiria três deles que introduzem menos elementos de ruptura que de transformações: o primeiro entre a presença e a ausência, o segundo entre o anonimato e a literarização, o terceiro entre a memória e o esquecimento.

ENTRE O VIRTUAL E O SENSUAL

Se o computador permite todos os possíveis narrativos, todos os encontros, ele é ao mesmo tempo aquilo que nos priva de nosso corpo, de nosso fôlego, de nosso odor. Os habitantes da aldeia planetária que estamos em vias nos tornarmos são tão solitários quanto solidários. Por certo os contos circulam como jamais circularam. Brunilde Biebuyck interessou-se particularmente pelo correio eletrônico e pela circulação das palavras risíveis, das piadas. *O texto que diverte*, escreve ela (Biebuyck, 2000: 69), *se insinua de um computador a outro, em todos os recônditos do mundo onde se conheça um internauta*. Mas falta todo o gestual, tudo o que permite um auditório face a face, como ela o faz observar com insistência:

O expedidor está privado da reação imediata de seu destinatário cujo riso ou emoção ressoa às vezes no silêncio ou num contexto em que as outras pessoas não compreendem imediatamente a reação de seu colega. O prazer está no ato de transmitir e na idéia que a gente se faz da reação dos outros.

O expedidor permanecerá mais freqüentemente sem resposta. A interação desaparece e, com ela, o calor do olhar, da presença física. O virtual aniquila o sensual. O tocar do teclado não substitui nem a rítmica da respiração nem a intensidade do olhar. Como o teórico Paul Zumthor, o contador Michel Hindenoch insiste na pele, no olho. A propósito do olhar do contador, ele põe na frente a capacidade deste último de ver antes de dizer, sua capacidade de ver a quantas anda o público sem, para tanto, tomá-lo como refém, sua capacidade enfim de dizer com os olhos (1997: 52): *O olho é só por si maravilhoso instrumento de palavra: quando a língua se cala, o olho continua a falar em silêncio e o olho do ouvinte está fixado no do narrador.*

É verdade que hoje o amador de contos pode cultivar tanto um quanto o outro: buscar as manifestações empáticas onde todo o corpo

participa e, ao mesmo tempo, navegar livremente de uma cultura a outra, de um gênero a outro, só pelo poder de um rato mágico. O vivente do encontro não é o contrário da euforia internautica. Um e outro contribuem para nos fazer experimentar a pluralidade dos mundos e a força do verbo. O conto pode assim reencontrar um público de adultos que não tinha mais nas sociedades ocidentais e sair de seus diversos guetos: gueto da meninice, novos guetos dos bairros desfavorecidos onde se busca desesperadamente o diálogo. Além disso, as proezas da técnica não viriam mostrar, sem forçosamente chegar a lhe dar seu pleno rendimento, a virtualidade intrínseca da obra popular, tal como a define G. Bollème (1986: 190):

A obra popular é aquela que se vincula à comunidade, aceita e guardada pela comunidade, mas também renovada por ela e diante dos diferentes intérpretes. Em certo sentido, ela é sempre virtual. Ela só existe no ato da representação. Ela é acontecimento.

O paradoxo seria aqui levado ao seu cúmulo e a técnica desafiada em seu próprio terreno.

ENTRE CULTURA POPULAR E LITERARIZAÇÃO

Outra linha de tensão se esboça, ou melhor se exacerba, aquela que une o anonimato de uma cultura popular que é uma cultura de massa, como o lembra P. Zumthor no final de sua obra, e uma cultura sábia, onde se afirmam nomes de artistas e portanto direitos autorais. A literatura oral é esse material que pertence a todo mundo, como o boca a boca eletrônico dos sítios da Internet no-lo lembra. O corpus numérico é tão imenso quanto opaco e confuso. Ele já tinha sido esboçado por Aarne e Thompson mediante a classificação internacional dos contos por contos-tipo e sobretudo o Índice dos 40.000 motivos de Stith Thompson. O Índice constitui de fato uma base de dados futurista, ao utilizar um sistema numérico deci-

mal com casas vazias à disposição dos pesquisadores que virão. Faltava-lhe a mobilidade do suporte do monitor e dos laços de hipertextos. Esta maravilhosa máquina, data do ano 1928 e provocou a cólera de Vladimir Propp, que achava o sistema empírico demais. Este último preferiu o esquema abstrato das 36 *funções* do iniciático conto maravilhoso russo, cujo sucesso conhecemos, mas também seus limites. Mas deixemos aí essas querelas de especialistas para retornar por um instante à extensão sem precedentes dos repertórios em escala planetária, em todos os gêneros e em todas as línguas permitidos pelas máquinas mágicas. Os maiores exploradores e fornecedores de sítios são também os próprios contadores. De repente, alguns reivindicam, alto e bom som, sua parte de autores e divulgam por escrito suas versões devidamente assinadas. Existe uma coleção *ad hoc* “Palavras de contadores” nas edições Syros. Michel Hindenoch, já citado, propôs mesmo uma “*Carta dos contadores*”, que suscita regularmente vivas polêmicas. No código de deontologia que ele preconiza, por exemplo, um contador deveria solicitar a outro a autorização para lhe tomar por empréstimo tal conto, tal pormenor, tal achado. Ora, não importa quem, em todo caso, pela Internet, pode de todas as maneiras, com um simples ‘copiar-colar’, pedir emprestado, “subtrair”, roubar. A carta é paradoxalmente tanto mais irrealista quanto mais se choca com os processos de circulação das histórias de boca em boca, substituído e amplificado no caso pela técnica. Os contadores, de qualquer modo, aproveitam-se dos sítios da Internet para fazer sua publicidade ou criam seu próprio sítio. Anexam à sua foto de identidade curta notícia biográfica e indicam também seu repertório, seus espetáculos, suas diversas produções (livros, discos, cassetes). Contribuem dessa maneira para se fazer conhecidos e reconhecidos como artistas e enfatizam o que se poderia chamar a literarização dos contos ou mesmo sua estetização. Com efeito, o conto se mistura à música, à dança; ele se abre cada vez mais às outras artes. Saído do es-

paço da tribo, da família, da vigília, encontra outras modalidades de transmissão. Grande é a surpresa dos mais velhos ao verem, de repente, que o patrimônio reservado à intimidade familiar pode se transformar em objeto de comércio. Essa passagem de um mundo a outro é, às vezes, uma etapa difícil de ser transposta pelos filhos e filhas de imigrados. Mas essa herança, devidamente assumida, pode se tornar argumento de venda. Fazer saber que se foi ninado pelos contos de uma mãe berbere pode servir de fazer valer. Afida Thari (no sítio da *Maison du Conte de Chevilly-Larue*) evoca da seguinte maneira suas recordações de infância e sua mãe berbere:

Minha mãe acompanhava cada uma de suas atividades com cantos ou histórias. Nada está escrito, fixado, tudo está em movimento levado por uma voz: aquela mesma que me transmitia suas palavras, suas melodias. (...) A língua materna leva bem seu nome: eu só falo o berbere com minha mãe. Essa particularidade orientou meu aproche do espetáculo vivo.

Em virtude de circulações diante de públicos diferentes, constitui-se um corpus de textos orais que participa hoje disso que se poderia chamar a elaboração de uma cultura comum de contornos mutantes. Tal é o objeto da pesquisa que empreendi no quadro do Grupo de Pesquisas e Estudos sobre o Mediterrâneo e o Oriente Médio (CNRS-UMR 5647, Lyon) mediante o exemplo dos contos magrebins na França essencialmente, em contato com outras influências culturais. Há, creio eu, pesquisas a serem feitas sobre os processos de mestiçagens e de patrimonialização que se operam a partir de práticas mais entremeadas que justapostas. Os contadores, que brincam com os públicos e os repertórios, desempenham nesse sentido um papel particularmente ativo. Nessa gigantesca rede, mais ou menos densa, cada um poderá oscilar entre a euforia babélica e a vertigem planetária. Razão a mais para se pôr a questão dos balizamentos e dos instrumentos de navegação.

ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

O *caos-mundo* – para retomar a expressão cara a E. Glissant – posto assim ao nosso alcance, é ao mesmo tempo bastante caótico. No momento em que as pesquisas sobre o conto constituem um lugar de escolha para a história, o espaço internáutico babélico, ao nos dispersar pela superfície da terra, confunde os balizamentos temporais. Tudo se avizinha de tudo, a maioria das vezes com um déficit de explicação, de referências, à maneira de um antimanual, com simples clique mágico e desenrolar de menus aleatórios. O internauta está à mercê de criadores de sítios que ele não conhece e cujas qualificações, freqüentemente, não possui nenhum meio de verificar. Um conto paródico do século XIX (“La belle au bois... veillant”*) quase impossível de achar nas bibliotecas, irrompe sem alarde numa página do monitor, na rubrica “Contos a granel” do sítio <www.contes.net>*. Nada permite situá-lo a não ser unicamente pela menção do autor (Timothé Frimm, 1815-1875). Muitos contos assinalados na rubrica “Contos tradicionais” do mesmo sítio são desprovidos de qualquer referência bibliográfica ou são retirados por empréstimo de uma edição de grande público (Gründ) que não fornece nenhuma indicação sobre as fontes e os métodos de estabelecimento dos textos. A escolha, tanto dos países quanto dos contos, é das mais arbitrárias. Eis sua lista: Ameríndios, Mil e uma Noites, Idade Média, França, Europa, Lendas Celtas, Quebec, África, Indonésia, Esquimós, Tibet, Outros países, Contos Zen. A Europa se limita a: Itália, Países Bálticos, Espanha. Clicar em “Outros países” faz aparecer: Croácia, México, China, Sérvia, República Checa, Peru, Mongólia, Índia. Para cada país é proposto um conto em tempo controlado (de 2 a 5 minutos), pronto para o uso. O sítio da Biblioteca Nacional, ao contrário, oferece uma exposição virtual intitulada: *Era uma vez os contos de fada*, que é um modelo de erudição posto ao alcance de todos. Daí poder-se-ia sonhar com uma enciclo-

pédia dos contos da humanidade? Seja como for, ela só poderia ser interativa e inacabada. Pode-se, contudo, deplorar as desenvolturas constatadas na tela, sabendo que elas só fazem acentuar um fenômeno freqüente na literatura infantil. Qualquer pessoa, abeberando-se na biblioteca da humanidade, tomando emprestado de uns e de outros, pode propor qualquer coisa, de qualquer modo, usando do direito soberano do contador de se apropriar de toda história. Contos são reescritos por vezes com desprezo pelos contextos culturais, com desprezo por sua textura até por pessoas que não hesitam em se proclamar autores e em assinar suas produções. Aí também observam-se exceções, que mostram ser possível proceder de outro modo. Haveria pistas de trabalho para etnólogos apaixonados por literatura e tradução. Não se trata de introduzir aqui uma regulamentação moralizadora que meteria uma brida nos imaginários contemporâneos. O que está em jogo é a capacidade de cada um de se inscrever numa história, de ancorar-se no passado para se permitir toda liberdade de inventar. Citar suas fontes faz parte da ética do contador, mas também da estética do conto e da ética do encontro. Um campo de pesquisas está claramente aberto, de que o conto poderia ser o pretexto e o trampolim num mundo cuja violência e os ódios fratricidas ele não ignora, encontrando-lhes até o infinito espaços de negociação e de mediação que são os da ficção.

A literatura oral hoje não faz mais que desenvolver suas tensões e torções ordinárias: entre o singular e o universal, entre o anonimato da “gentalha” e a notoriedade dos artistas (gente de outras figuras, os ricos, que logram construir um nome), entre o sedentarismo e o nomadismo, entre a contemporaneidade e a longa duração. Há uma tensão, enfim, que o conto e, melhor ainda, a denominação-oxímoro “literatura oral” torna emblemática: a tensão entre a oralidade e a escritura. Os usos do som e da imagem, os usos da conservação e da criação estão em plena efervescência e nos escapam, mesmo se pes-

quisas estão engajadas nessa direção. As mutações em curso poder-nos-iam levar a revisitar não somente os repertórios e as práticas, mas igualmente os procedimentos e métodos de pesquisa. *Não estamos no fim de Babel. Estamos no seu começo*, conforme o sugere P. Zumthor num derradeiro murmúrio (1997: 213). Acrescentemos *in fine* retomando suas palavras: *Façamo-nos um humanismo...*

Tradução e Notas com* do Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

NOTAS

* Paul ZUMTHOR é o notável especialista em literatura da Idade Média, nascido em Genebra em 1915 e falecido recentemente em 1995; foi professor de Poética e Teoria Literária da Universidade de Montreal, Canadá, e deixou obras fundamentais como produtos de sua longa investigação, tais como *Langue et technique poétique à l'époque romane* (1963), *Essai de Poétique Médiavale* (1972 – seu grande texto sobre o tema), *Langue, texte, énigme* (1975), *Masque et Lumière, la poétique des grands rhétoriciens* (1978), *Présence de la Voix* (1983), etc. O livro aqui citado constitui seu derradeiro trabalho, sobre o qual levou anos a meditar e a coletar anotações, tendo retomado esse esforço de pesquisa nos últimos tempos, foi publicado postumamente (1997) com apoio de seus “cadernos” de notas, dos testemunhos daqueles que conviveram mais intimamente com ele, e sobretudo da colaboração de sua mulher Ollier-Zumthor, deixando assim inacabado o conjunto de sua obra... Há edição portuguesa desse livro: *Babel ou O Inacabamento*. Uma reflexão sobre o mito de Babel. Lisboa: Bizâncio, 1998. [Nota do tradutor].

¹ «Escritor, etnólogo, narrador, Amadou Hampaté Bâ era uma das mais altas figuras da sabedoria e da cultura africana. Na Unesco em 1960, para ilustrar seu engajamento em favor da salvaguarda e da transmissão das tradições orais africanas, ele lançou sua célebre frase: *Na África, quando morre um ancião, é uma biblioteca que é queimada.*» Tal é a apresentação que consta num prospecto publicitário que anuncia essa manifestação.

* *A Estrela Real* [Nota do Tradutor].

** *Zebras Cômicas* [N. do T.].

*** *Solta balões* [N. do T.].

* *O palavreado do conto* [N. do T.].

² Sobre as relações entre o mundo global e as redefinições do local, ver A. APPADURAI: *Après le Colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalisation*, Paris: Payot, 2001, tradução do inglês por F. Bouillot [*Modernity at Large Cultural Dimensions of Globalization*].

* *O rato da cidade e o rato do mato* [N. do T.].

³ É verdade que há aí matéria para debate. O historiador E. HOBSBAWM (1999: 179-199) nos adverte contra uma mundialização que faz crescer o fosso entre os pobres e os ricos. O cosmopolitismo sempre existiu para uso de alguns e poderia ser reforçado. Um dos lances do século XXI é claramente o acesso do maior número de pessoas a isso que se poderia chamar a mundialidade, a de um *homo mundialis*, por oposição ao nomadismo doloroso dos refugiados, dos trabalhadores imigrados e de suas famílias, igualmente inscrito no fenômeno real e vasto da mundialização.

* A paródia no caso consiste no fato de que o conhecido conto de fada se intitulava *A Bela adormecida no bosque* e, nesta versão, ela está desperta, vigilante. [N. do T.].

Nota do Tradutor: Atualmente [16.11.2002], este sítio intitulado «Contos e Poemas», em aparente paradoxo, já não mais apresenta contos em seu repertório. Seu editor fornece aos usuários a explicação que traduzo a seguir: «Vocês são numerosos a me indagar: por que não há mais contos? Mui simplesmente em razão dos editores, que exigem de mim prestação de contas face às suas perdas em consequência deste sítio. É bom que se saiba que todos os textos tradicionais são controlados por **copyright, mesmo quando os autores são indefinidos. É considerado como autor aquele que organiza tais contos!!! Outro exemplo, os textos dos Grimm em sua versão original [alemão] estão “livres de direitos”, porém as traduções estão protegidas por lei. Certamente, eu poderia ter mantido os autores franceses do século XIX, mas preferi parar tudo, porque para mim desaparece a magia da descoberta e de fazer descobrir contos que fazem parte da cultura dos diversos países. É lamentável, mas é a lei. Vocês podem consultar uma parte dos contos no sítio <www.oursonbleu.free.fr>. Devo agradecer-lhes calorosamente a fidelidade e opiniões de vocês que foram sempre para mim um “motor” muito eficaz. a) **Didier Vedovato.**»

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARNE, Antti & THOMPSON, Stith. (1961), *The Type of the folktale*, Second revision. Helsinki: FF Communications, 184.
- APPADURAI, Arjun. (2001), *Après le colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalization*, traduction de l'anglais par F. Bouillot (*Modernity at Large Cultural Dimensions of Globalization*). Paris: Payot.
- BASTIDE, Roger. (1977), «Opinions sur le folklore», in *Bastidiana: Études sur le folklore et les traditions populaires*, 19-20: 35-39.
- BIEBUYCK, Brunhilde. (2000), «Du folklore au cyberlore», *Cahiers de Littérature Oraie*, 47: 43-94.
- BOUCHOR, Maurice. (1947, 15^e édition), *Contes*. Paris: Armand Colin, 3 vol.
- BOLLÈME, Geneviève. (1986), *Le peuple par écrit*. Paris: Seuil.
- GLISSANT, Edouard. (1996), *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard.
- HINDENOCH, Michel. (1998), *Conter. Un art?* Paris: Loupiote.
- HOBBSAWM, Eric. (1999), *Les enjeux du XXI^e siècle. Entretiens avec Antonio Polito*. Paris: Éditions Complexes.
- MAALOUF, Amin. (1998), *Les identités mertrières*. Paris: Grasset.
- THOMPSON, Stith. (1955-58, 6 vol.), *Motif-Index of folk-literature, a classification of narrative elements in folktales, ballades, myths, fables, medieval romances, exempla, fabliaux, fest-books and local legends*. Copenhagen: Rosenkilde and Bagger.
- ZUMTHOR, Paul. (1987), *La lettre et la voix*. Paris: Seuil.
- ZUMTHOR, Paul. (1997), *Babel ou l'inachèvement*. Paris: Seuil.